



# X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## Identidade, tempo e espaço: uma trajetória rumo à Pós-modernidade

FRANCISCO JOSÉ ALVES DE ARAGÃO

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

**RESUMO** O artigo descreve e problematiza sentidos novos de alguns velhos institutos, como a identidade, o tempo e o espaço, aqui analisados em sua dimensão sócio-histórica. Para apreendermos essas ontologias e axiologias (provisórias) recuamos a momentos anteriores, como fins da Idade Média, passamos pela Modernidade (onde se solidificaram em meio ao ideário racionalista/ iluminista) e chegamos, por fim, às novas configurações do cenário dito "Pós-moderno". Sob o impulso das novas tecnologias e velocidades da informação e do conhecimento, esses institutos tentam responder a novos desafios, diante da complexidade e fragmentação da realidade atual. Mas, até que ponto são adequados esses modos de pensamento e conceitos, diante do fluxo da experiência humana e dos potentes processos de mudança social? Como podem espacializações e práticas estéticas particulares representarem fluxos e mudanças universais?

Enfim, são dilemas que só a realidade futura da dinâmica social desvendará, trazendo respostas de sua sedimentação (ou não). A Educação não pode se eximir ao debate, uma vez que seus atores, docentes e discentes, estão ativamente envolvidos e impregnados por esses valores e sentidos.

**Palavras-chave:** Identidade. Pós-modernidade. Sociologia da Educação. **ABSTRACT** The article describes and discusses new meanings of some old institutions such as identity, time and space, here analyzed in their socio-historical dimension. To apprehend these ontologies and axiologies (temporary) fall back to earlier times, such as the late Middle Ages, passed by Modernity (which solidified amid the rationalist ideas / Enlightenment) and arrive, finally, the new settings of said scenario "Post- modern". Under the impetus of new technologies and speed of information and knowledge, these institutions try to respond to new challenges, given the complexity and

fragmentation of the current reality. But to what extent these are suitable ways of thinking and concepts, before the flow of human experience and powerful social change?

How can spatializations and particular aesthetic practices represent universal flows and changes?

Finally, there are dilemmas that only the future reality of social dynamics will unravel, bringing answers to their sedimentation (or not). Education can not avoid the debate, since its actors, teachers and students are actively involved and impregnated by these values and meanings.

**Keywords:** Identity. Postmodernity. Sociology of Education.

**Identidade, tempo e espaço: uma trajetória rumo à Pós-modernidade (\*)** **1 Introdução** Os fundamentos, enquadramentos e sentidos suscitados pelos termos “pós-moderno”, “pós-modernidade”, “pós-modernismo”, sempre geraram debates e manifestações, algumas favoráveis, algumas contrárias a tais usos e sua adequabilidade. Trata-se de nomes usados, hodiernamente, em muitos e diferentes contextos, mas que começaram a ser utilizados ainda na década de 1960, a partir de alguns movimentos arquitetônicos que romperam com os padrões estéticos urbanísticos modernos. “Era hora de construir para as pessoas, não para o homem” (HARVEY, 2000, p. 45), diziam. A partir daí, o movimento ganhou novos adeptos na história, pintura, literatura, moda, música, literatura, filosofia, etc... A chamada “Pós-modernidade”, em sua essência, descreve várias críticas e reações contra o Iluminismo e seu produto cultural, o Modernismo. De acordo com J. F. Lyotard (2004), o Pós-modernismo é caracterizado por sua rejeição às “grandes narrativas” ou “metanarrativas”, que tentaram, na era moderna, explicar e justificar a história e o progresso humano. Segundo Alun Munslow (2009, p. 245),

[...] A era pós-moderna se destaca por sua **negação a realidades de significados fixos**, de fatos e da teoria da correspondência da verdade. Produz, destarte, **instabilidades**, estilo e moda, a “**virada lingüística**”, **presentismo**, **relativismo**, o “**efeito de realidade**”, **desconstrucionismo**, **autorreflexividade** na história e na literatura, **dúvidas sobre referencialidade** e, finalmente, **o fracasso da narrativa como modo de representação**. A Pós-modernidade **encoraja a dúvida e a incerteza, desafia a hierarquia e a autoridade** e promove a aceitação “do outro” como legítima. (grifos nossos) Como vemos, o cenário pós-moderno é marcado por uma ampliação da complexidade, uma hipercomplexidade (malgrado a redundância do termo), haja vista que o mundo contemporâneo se nos apresenta como um(a) amálgama de transformações e velocidades nunca dantes vistas. De acordo com Michel Maffesoli (2004, P. 12), encontramos-nos em “um momento fundador, um estado de nascimento de novas condições de possibilidades”. Portanto, não

há como elaborarmos manuais prontos, pois nos falta ainda um maior distanciamento histórico para que consigamos diagnosticar com maior clareza e precisão o que vivemos agora. Para aquele autor, o máximo que podemos fazer é formular hipóteses ou propor pistas de reflexão. Dito isso, cremos ter dado algumas noções iniciais acerca da complexidade dos processos humanos na atualidade. Entrementes, nosso objetivo neste breve, porém salutar ensaio é o de explicitar alguns sentidos novos para alguns velhos institutos, que agora respiram os ares renovados, não se sabe ainda se poluídos ou sadios, desses novos tempos denominados de pós-modernos. Tentaremos mapear o caminho de algumas estruturas que nasceram e/ou se solidificaram na modernidade, frutos do ideário racional-iluminista, como é o caso das noções de sujeito/ identidade e da questão do uso racional do fenômeno espaço-temporal, descrevendo doravante os novos sentidos que assumiram tais processos, diante dos devires ditos pós-modernos. Tanto quanto possível recuaremos a momentos históricos anteriores, de modo a aclarar, elucidar o percurso desses fenômenos, o que melhorará nossa compreensão e assimilação das novas propostas de sentidos estribadas, agora, na Pós-modernidade. Passemos a tratar, então, dos súditos do Estado-Nação, essas “pessoas” que, nascidas indivíduos, são transformadas em Sujeitos de Direito sob sua égide, “*personas*” estas que, diante dos fortes abalos dos novos tempos, sofreram conseqüências severas em suas concepções de identidade e de interatividade social.

**2 Sujeitos e identidades: do sujeito centrado moderno ao sujeito multi-identitário pós-moderno**

Uma nota de rodapé introdutória se faz necessária para destrincharmos o imbróglgio causado hoje pelos termos indivíduo, sujeito, pessoa, identidade e identificação<sup>[1]</sup>. Sigamos até o pensamento de Stuart Hall (2006), que focou, mais amiúde, em seu ensaio “A identidade cultural na pós-modernidade”, nas concepções de identidades dos indivíduos. Segundo esse estudioso, o homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Contudo, uma mudança estrutural fragmentou e deslocou as identidades culturais de classe, sexualidade, etnias, raças e nacionalidades. Se antes essas identidades eram sólidas e socialmente encaixadas, hoje se encontram sem fronteiras e provocam sérias crises na maioria das pessoas. Em caráter exemplificativo, o autor aborda, para descrever certa evolução histórica da questão identitária, alguns tipos de sujeito. Define ele três concepções de

identidades, a saber: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. No primeiro caso, quanto ao sujeito do Iluminismo, diz Hall:

[...] era uma concepção de **indivíduo centrado, unificado**, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, **permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo ou idêntico a ele- ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade** de uma pessoa [...] essa era **uma concepção muito individualista** do sujeito e de sua identidade. (grifos nossos) (HALL, 2006, P. 11).

Nessa concepção de sujeito percebemos uma influência iluminista, cientificista. Já houve a ruptura com os antigos padrões comunais da Idade Média para um tempo em que impera a individualidade e a racionalidade. Com a formação dos Estados-Nacionais, ademais, irá-se exigir de cada indivíduo uma entidade tendo um nome, um sexo, um endereço e uma profissão, além do que ele já é tratado como "cidadão" de um país. Para o sociólogo alemão Norbert Elias (1994), em sua "A sociedade dos indivíduos", que paradigmaticamente o pensamento anterior, de Hall, a individualização no processo social é tratada como característica de uma era em que um número cada vez maior de funções relativas à proteção e controle do indivíduo, antes exercidas por pequenos grupos, como a tribo, a paróquia, o feudo, a guilda, foi sendo transferido para Estados altamente centralizados e cada vez mais urbanizados. Para aquele autor, à medida que essa transferência avança, as pessoas isoladas e uma vez adultas, deixam mais e mais para trás os grupos locais próximos, baseados na consangüinidade. Portanto, quanto mais perdem funções protetoras e de controle, mais a coesão dos grupos se rompe. Assim

[...] Nas sociedades estatais maiores, centralizadas e urbanizadas, **o indivíduo tem que batalhar muito mais por si**. A mobilidade das pessoas, no sentido espacial e social, aumenta. Seu envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza, antes inescapável pela vida inteira, vê-se reduzido. Elas têm menos necessidade de adaptar seu comportamento, metas e ideais à vida

de tais grupos, ou de se identificar automaticamente com eles. Dependem menos deles no tocante à proteção física, ao sustento, ao emprego, à proteção de bens herdados ou adquiridos, ou à ajuda, orientação ou tomada de decisão. Isso acontece, a princípio, em grupos limitados e especiais, mas se estende gradativamente, ao longo dos séculos, a setores mais amplos da população, até mesmo nas áreas rurais. E, **à medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais** estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles **se descobrem diante de um número crescente de opções. Mas também têm que decidir muito mais por si**. Não apenas podem como devem ser mais autônomos. Quanto a isso, não têm opção. (grifos nossos) (ELIAS, 1994, p. 102). E, neste sentido, arremata Elias (1994, p. 103): “O que emerge muito mais nessas sociedades nacionais complexas são o isolamento e a encapsulação dos indivíduos em suas relações uns com os outros”. No entanto, a crescente complexidade do mundo moderno fez emergir a noção de um sujeito sociológico, com seu núcleo interior não-autônomo e não auto-suficiente. Esse novo sujeito devia ser, a nosso ver, uma projeção das novas teorias contratualistas do Estado, ou seja, um sujeito associado contratualmente com outros indivíduos para construir a vida social. Um sujeito em seu viés heterônomo produz uma identificação, uma *persona* no sentido moderno do termo, forjada na relação com outras pessoas, mediando valores, sentidos e símbolos. De acordo com essa visão

[...] a **identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade**. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o **“eu real”**, mas este é **formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores e as identidades que esses mundos oferecem**. (grifos nossos) (HALL, 2006, p. 11).

Vê-se, na passagem citada acima, um sujeito em relação com o todo social. Talvez Maffesoli, em lendo esse trecho de Hall, diria se tratar de um deslize progressivo da identidade em direção à identificação, a um contexto mais vasto, correspondendo, de certo modo, ao que chamamos de estereótipo. Agora, para além de todas essas coisas, depois da identidade unificada e estável, depois do sujeito heterônomo, identificado ao seu grupo social ou estereotipado, a identidade está se tornando mais e mais fragmentada. Um

sujeito pós-moderno se compõe de várias identidades. O processo de identificação por meio do qual nos projetamos tornou-se provisório, variável, problemático. Vejamos o que diz Hall acerca do sujeito pós-moderno:

[...] o sujeito pós-moderno é conceptualizado como **não tendo uma identidade fixa**, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma **celebração móvel**, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É **definida historicamente**, e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. **Dentro de nós há identidades contraditórias**, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo **continuamente deslocadas**. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". **A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.** (grifos nossos) (HALL, 2006, p. 13) Seria bom, a este respeito, lembrar o trabalho de Erving Goffman tratando da representação do Eu na vida cotidiana (GOFFMAN, 1985) que estuda o comportamento humano em sociedade, na sua principal forma de manifestação: a representação. Para esse estudioso da área da Psicologia, o homem sempre representa teatralmente para se mostrar aos seus semelhantes. Goffman chegou a esta conclusão após pesquisar o comportamento do indivíduo em diversas regiões e comunidades. Podemos dizer que Goffman já prenunciava o sujeito pós-moderno de Hall, ao identificar diversas *personas* em cada um de nós. Finalizaremos este tópico com o dilema do sujeito contemporâneo, trazido à baila por Norbert Elias. Vejamos o que ele diz sobre a abundância de oportunidades, mas também de fracassos a que estão submetidos os homens de hoje, e que nos leva a fazer também uma intersecção com o sujeito pós-moderno de Hall:

[...]A **abundância de oportunidades e metas** individuais diferentes nessas sociedades é equiparável às **abundantes possibilidades de fracasso**. [...]Mas, quer o indivíduo o recorde ou não, o caminho que ele tem que trilhar nessas sociedades complexas é extraordinariamente rico em ramificações e meandros, embora não na mesma medida, é claro, para os

indivíduos de diferentes classes sociais. Ele passa por grande número de bifurcações e encruzilhadas em que se **tem que decidir por este ou aquele caminho**. Quando se **olha para trás, é fácil deixar-se tomar pela dúvida**. Eu **não deveria ter escolhido um rumo diferente?**

Não terei desprezado todas as oportunidades que tive naquela ocasião?

Agora que consegui isto, que produzi isto ou aquilo, não terei deixado que se perdessem muitos outros dons?

E não terei deixado de lado muitas coisas que poderia ter feito?

**É próprio das sociedades que exigem** de seus membros **um grau muito elevado de especialização que grande número de alternativas não utilizadas – vidas que o indivíduo não viveu, papéis que não desempenhou, experiências que não teve, oportunidades que perdeu- sejam deixadas à beira do caminho**. (grifos nossos) (ELIAS, 1994, p. 109-110)

O novo postulado identitário pós-moderno, destarte, está deixando os nossos melhores sociólogos em dificuldades permanentes.

Ocorre que tal postulado é o orientador de conceitos sociológicos essenciais, como os de classe, de categoria sócio-profissional, de indivíduo, de função social, sendo que as múltiplas manifestações das identificações contemporâneas são ferozes dificultadoras do estabelecimento de tais conceitos ou, na pior das hipóteses, a própria destruição destes. Após tratarmos sobre as questões dos sujeitos e identidades, agora é vez de nos embrenharmos nos cenários do teatro onde ocorrem as interações humanas: na espacialidade e na temporalidade. Estas também foram abaladas pela pós-modernidade, principalmente com o advento do desenvolvimento tecnológico. **3 Temporalidades e espacialidades: da domesticação do espaço-tempo moderno ao nível atual de supressão do espaço-tempo pós-moderno**

Michel Maffesoli (2004, p. 21) define a Pós-modernidade como "sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico". Para ele, bem como para outros teóricos que se ocupam da temática pós-moderna, como Fredric Jameson, uma das mudanças paradigmáticas mais importantes a destacar na pós-modernidade é a da "contração do tempo em espaço". F. Jameson, citado por Maffesoli, fala-nos que, hoje, há a predominância de "um presenteísmo que eu vivo com terceiros, que contamina as representações e práticas sociais [...] um "carpe diem" de antiga memória, que traduz um hedonismo difuso" (JAMESON Apud MAFFESOLI, 2004, p. 27). David Harvey (1992), em seu

ensaio mais famoso, aduz a uma percepção de tempo e espaço variáveis, que afeta valores individuais e processos sociais do tipo mais fundamental. Poucas pessoas, como nos lembra Harvey, discutiram o sentido do tempo e do espaço. É importante, a priori, que percebamos as concepções de tempo e espaço estabelecidas por meio de práticas e processos da vida social. David Harvey conclui que “o tempo social e espaço social são construídos diferencialmente. Em suma, cada modo distinto de formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço” (HARVEY, 1992, p. 189). Assim, diversas sociedades cultivam sentidos de tempo bem distintos. Foi na sociedade moderna que esses sentidos se entrecruzaram, fazendo com que os rituais e festas cíclicas nos oferecessem uma sensação de segurança, de “progresso”, de “sempre para a frente”. Destarte, quando o progresso é ameaçado pela guerra ou pelo caos, agarramo-nos à idéia de estabilidade que a ciclicidade nos propõe, o que passa uma relativa “certeza” de que tudo naturalmente se readaptará<sup>[2]</sup>. Mas é necessário recuar um pouco “no tempo” para acompanhar o desenvolvimento de uma teoria sobre um “tempo social” ou “sociológico”. Desta forma, queremos compartilhar o pensamento de três autores: Pitirim Sorokim e Norber Elias (sociólogos); e Edward P. Thompson (historiador), haja vista a vultosidade de seus pensamentos para os debates humanos. Pitirim Sorokim, em um ensaio dos anos 1940, já nos tazia a noção do tempo “sócio-cultural”. Por considerar a existência de várias formas de tempo- físico-matemático, cronológico, biológico, psicológico- seria estranho não considerar também um tempo sócio-cultural. Diz-nos Sorokim: “Um tempo que é diferente de todos os outros e sociamente mais importante” (SOROKIM, 1973, p. 231). O autor elenca sete propriedades e três funções dessa modalidade temporal, que as diferencia das demais modalidades:

[...] **Propriedades:**

1. Supõe e mede fenômenos sócio-culturais;
2. Não ocorre simultaneamente no mesmo grupo e em diferentes sociedades;
3. Os momentos são desiguais: não se desenvolvem uniformemente, mas possuem momentos repletos de acontecimentos, momentos críticos e momentos ou intervalos em cuja duração nada aconteceu;
4. Não é infinitamente divisível;

5. É totalmente qualitativo;
6. Não é um desenvolvimento vazio, mas sim, um tempo produtivo que, no seu transcorrer, transforma-se numa importante agência criadora, modificadora e transformadora de grande número de processos sócio culturais. Nos países capitalistas, chega a ser uma agência de interesses comerciais, de dividendos, de lucro, agência que determina freqüentemente a vitória ou a derrota de exércitos, o destino de pessoas, de sociedades, etc...
7. Possui uma estrutura peculiar de três planos – o de aeternitas, o da aevum, e o de tempus propriamente- praticamente ausente em qualquer outra concepção de tempo.

### **Funções:**

1. Sincronização e coordenação de um fenômeno sócio-cultural com outros fenômenos da mesma classe, especialmente com aqueles tomados como ponto de referência;
2. Organização do sistema de tempo para a continuidade sócio-cultural e para a orientação do fluxo infinito de tempo;
3. Expressar as pulsações dos sistemas sócio-culturais e, ao mesmo tempo, propiciar tais pulsações ou ritmos, necessários para a vida e funcionamento de qualquer sistema sócio-cultural. (SOROKIM, 1973, p. 231- 233).

Considerando a citação acima, o tempo sócio-cultural aventado por Sorokim é realmente peculiar. Leva em conta apenas a ótica ontológica do "homem e suas interações sociais" como objeto. Os outros pontos de vista acerca do objeto tempo são descartados. O ponto fulcral dessa tese é a de que, em um mesmo tempo matemático (cem dias, por exemplo), em uma mesma sociedade ou num mesmo sistema sócio-cultural, o total, o número, a ocorrência dos acontecimentos pode ser completamente diferente. "Um ano de vida numa sociedade moderna é sobrecarregado com maiores e mais numerosas alterações do que cinqüenta anos de existência em alguma tribo primitiva e isolada" (SOROKIM, 1973, p. 232). No mesmo sentido, Norbet Elias dedicou 165 páginas à defesa de um "tempo sociológico". Para ele o tempo não existe em si, não é um dado objetivo, como sustentava Newton, nem uma estrutura a priori do espírito, como queria Kant. O tempo é antes de tudo um "símbolo social", resultado de um longo processo de aprendizagem. Para ele, a abordagem sociológica do tempo é a mais adequada, por superar a visão periodizada dos historiadores, adentrando uma erudição maior a que chama de "processos de longo prazo". A partir dessa perspectiva, Elias confronta sua tese com a de vários pensadores, físicos, filósofos, dentre eles Descartes, Kant, Newton, demonstrando a insustentabilidade de suas hipóteses sobre o tempo. Não nos devemos delongar na análise da prolixa tese de Elias, mas apenas dizer da sua importância e da seriedade com que é conduzida. O autor é um grande erudito e defende seu ponto de vista com uma capacidade quase inabalável. Percorre ele a história dos calendários mais

antigos, passando pelo “Juliano” e “Gregoriano”, pelo desenvolvimento dos relógios, pela questão da urbanização, pelo desenvolvimento do comércio, pelas festas religiosas móveis. Elias diz que a tradição judaica da páscoa, por exemplo, que fixara essa celebração na primeira lua cheia após o início da primavera, estava sendo gradativamente antecipada. O Concílio de Nicéia reorganizou a data para o domingo seguinte à primeira lua cheia depois do equinócio de primavera. Essa data, originalmente fixada em 25 de março, fora antecipada para o dia 15. O fato é que no Séc. XVI já se notava uma discrepância de mais ou menos 10 dias entre os símbolos do calendário (de origem humana) e os do curso natural (movimento dos astros, ciclos das estações, etc...). Atualmente, seguimos o calendário de 1582, de Gregório XIII, que corrigiu essas distorções e introduziu a disposição dos anos bissextos. A orientação do médico e astrônomo Luigi Lilio e do erudito Clavius foram fundamentais nesse processo (ELIAS, 1998, p. 155). A abordagem do historiador Thompson é na linha da disciplina do trabalho e do capitalismo industrial. Em seu ensaio “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” (THOMPSON, 1998), o historiador dedica um capítulo à questão do tempo nesse contexto. O autor examina alguns costumes do homem europeu ocidental quando estes são ameaçados com a chegada de alguma nova estrutura ou conjuntura, tais como: a obstinada defesa do uso das terras comunais quando se intensifica o processo de cercamento; a estratégia da venda de esposas em leilão como forma de se divorciar; os protestos populares e motins pelo pão; a punição aplicada a quem desrespeitasse as normas vigentes e; a questão das novas noções de tempo introduzidas pelo Capitalismo Industrial. Trata-se da passagem do Mecanicismo ao Organicismo, em suma. O autor, tal como Elias, aborda o desenvolvimento dos relógios, “a oficina do diabo”, a partir do Séc. XIV. Antes destes, serviram de paradigma temporal aos atos humanos o “cantar do galo”, imemorial relógio da natureza, os astros no céu, a menstruação da mulher, o ciclo do trabalho das tarefas domésticas, a rotina das tarefas pastorais, o cozimento do arroz (meia hora), o assar do milho (quinze minutos), o cozimento de um ovo (estimado por uma Ave Maria rezada em voz alta), o ritmo das marés, etc... A notação do tempo, nesses contextos é, mais do que tudo, orientada pelas tarefas humanas, mas é compulsoriamente imposta pela natureza e seus ritmos. Ou seja, no organicismo comunitário não há o “trabalho de horário marcado”, há “pouca separação entre o trabalho e a vida” e o dia de trabalho se contrai ou se prolonga segundo a tarefa, não havendo grande senso de conflito entre o trabalho e o “passar do dia”. “Aos olhos dos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio (uma sociedade já organicista), essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência”, diz Thompson (1998, p. 272). No período de transição da manufatura gerida em escala doméstica e da pequena oficina, para a indústria em grande escala, movida a máquina, notamos nitidamente os dois mundos contrastantes: de um lado, a irregularidade característica dos padrões de trabalho daqueles; e de outro, a regularidade do trabalho desta, com seu cronograma preciso e representativo, imposto de acordo a escala de produção que a demanda

mercadológica requer. A racionalização do espaço inaugurada pela modernidade, por Le Corbusier, por exemplo, inaugurou uma forma citadina construída em linhas retas, uma “tirania que forçosamente temos que readaptar nossas práticas diárias” (MAFFESOLI., 2004, p. 190). Trata-se da domesticação do espaço, moldando um lugar habitável. Na realidade é uma defesa contra o terror que o tempo impõe aos homens. A meta da construção espacial é “livrar-se da realidade temporal”, conforme nos ensina Baudelaire, citado por Harvey: “[...] abolir o tempo no interior do tempo, ao menos por um tempo” (BAUDELAIRE Apud MAFFESOLI, 1996, p. 191). Ao adentrarmos a Pós-modernidade, o fenômeno espaço-tempo sofreu os influxos da introdução do “ciberespaço” ou “espaço da realidade virtual”, das técnicas fotossensíveis e, conseqüentemente, de toda a problemática que emergiu dessa nova realidade. Há, hoje, uma última concepção de tempo, um tempo dito cronoscópico (de exposição à velocidade da luz), que é um tempo do domínio do eletromagnetismo e da gravidade. Essa dimensão nova de tempo, cronoscópica, decorrente da revolução comunicativa pós-moderna, afeta todas as particularidades que envolvem espaço, matéria, massa, velocidade, imagem, imaterialidade, vazio, aceleração, distância, pois são todos elementos indissociáveis da questão temporal. Esses fenômenos tornaram-se objeto de muitos estudos, desde a “Teoria da Relatividade”, de Einstein, e das sucessivas descobertas da Física, no estudo da electro-óptica e da acústica, da fotografia e da imagem. Como bem assinala Virilio (2000, p. 50), problematizando o espaço, coloca-se hoje a “[...] grandeza residual da extensão do mundo face ao sobrepoder da telecomunicação: velocidade limite das ondas electromagnéticas por um lado e, por outro, limitação drástica da extensão do grande solo geofísico”. E continua predizendo “[...] o fim do mundo exterior, o mundo inteiro torna-se de repente endótico, um fim que implica tanto o esquecimento da exterioridade espacial quanto o da exterioridade temporal (*now future*), em proveito unicamente do instante presente, instante real das telecomunicações instantâneas” (VIRILIO, 2000, p. 50) Foram as técnicas de fotossensibilidade que trouxeram a definição desse tempo que se expõe, tempo de superfície, um tempo de exposição que sucede ao tempo da sucessão clássica, cronológica. Esse tempo é, desde a origem, o “tempo-luz”. A citação a seguir elucida tudo que expusemos até aqui. Conforme explicita detalhadamente Virilio (2000, p. 54),

[...] o tempo de exposição da placa fotográfica é **a exposição** do tempo, **do espaço-tempo da sua matéria fotossensível à luz da velocidade**, quer dizer, **à frequência de onda** portadora dos fotões [...] o fotograma instantâneo permitirá a seqüência cinematográfica, *o tempo já não parará*. A fita, a bobina do filme, a cassete vídeo em *tempo real* da televigilância permanente, ilustrarão essa **inovação inaudita de um tempo-luz contínuo**, dito de outro modo, a maior invenção científica, depois da do fogo, de uma luz indireta, substituindo a luz direta do sol [...] O ecrã das

emissoras de televisão em tempo real é um filtro [...] que deixa apenas “entrever” o presente. **Um presente intensivo, fruto da velocidade-limite das ondas eletromagnéticas, que não se inscreve no tempo cronológico (passado-presente-futuro), mas no tempo cronoscópico (subexposto-exposto-sobreexposto) [...]** **A perspectiva do tempo real do horizonte trans-aparente do vídeo não existe**, por conseguinte, **senão por inércia do instante presente [...]** **Paragem do tempo no instante fotográfico** e, finalmente, paragem do tempo no instante real **do directo televisivo...** Parece mesmo que **o relevo do mundo é somente o efeito de uma imperceptível fixação do presente** [...] (grifos nossos) Devemos encerrar, conscientes de que a “contração do espaço-tempo” que expusemos no começo dá-se nesse contexto pós-moderno de sedentariedade do homem da grande metrópole contemporânea, atingindo primeiramente o corpo dessa pessoa, sobreequipada de próteses interativas, que implicam, como dito, no esquecimento da exterioridade espacial (não é preciso se deslocar fisicamente) e da exterioridade temporal, em proveito unicamente desse presenteísmo. A eliminação da trajetória, da perda do corpo locomotor do passageiro, e da perda desse solo, desse terreno, implica indiscutivelmente em contração do espaço e do tempo. Como nos diz Virilio (2000, p. 50), trata-se da “poluição dromosférica, aquela que atinge a vivacidade do sujeito e a mobilidade do objeto ao atrofiar o trajeto, a ponto de torná-lo inútil”

**4 Considerações derradeiras** Este texto pretendeu descrever e problematizar sentidos novos dados a alguns velhos institutos, como a identidade, o tempo e o espaço, aqui analisados em sua dimensão sócio-histórica. Recuamos a momentos históricos anteriores, como fins da Idade Média, passando pela Modernidade (momento em que se solidificaram em meio ao ideário racionalista/ iluminista) e chegando, por fim, às suas novas configurações, no atual cenário Pós-moderno. Sob o impulso das novas tecnologias e velocidades da informação e do conhecimento, esses institutos tentam responder a novos desafios, diante da hipercomplexidade e fragmentação da realidade no contexto da sociedade atual. Evidenciando os paradoxos instalados pela temporalidade e espacialidade humana na pós-modernidade, trazemos as seguintes inquietações, como problematização: “Até que ponto são adequados esses modos de pensamento e esses conceitos diante do fluxo da experiência humana e dos

potentes processos de mudança social?

”; “Como podem espacializações e práticas estéticas particulares representarem fluxos e mudanças universais?

” (HARVEY, 2000, p. 191) Enfim, são dilemas legados ao futuro e que deverão ser confirmados, refutados ou se estabelecerem simultaneamente ou conjuntamente a outras formas de espacialidades e temporalidades. Só a realidade futura da dinâmica social nos trará alguma perspectiva de conformação ou não dessas questões. No entanto, a Educação não pode se eximir à participação neste debate, uma vez que seus sujeitos, docentes e discentes, estão ativamente envolvidos e impregnados por esses valores e sentidos.

**REFERÊNCIAS** ALMEIDA FILHO, Agassiz. **Globalização e identidade cultural**. São Paulo: Cone Sul, 1998. BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. \_\_\_\_\_. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000. SIMMEL, G. Apud MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. KURZ, Robert. O torpor do Capitalismo. In.: PAIVA, Jorge. **A revolução na pós-modernidade: a subjetividade e a nova civilização**. Fortaleza: Sem fronteiras, 1996. LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica Ed., 2004. MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. SOROKIM, Pitirim. O tempo sócio-cultural: Características preliminares do tempo. In: CARDOSO, Fernando Henrique. **Homem e Sociedade: leituras básicas de Sociologia Geral**. São Paulo: Ed. Nacional, 1973. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. WIKIPÉDIA: A enciclopédia livre.

Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo\\_econômico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_econômico)>.

Acesso em: 28.mar.2011.

[1] " [...] a **identidade é o suporte teórico do sujeito individual** e é, com certeza, bem típica em certos momentos do pensamento ocidental, mas que **não é um valor universal e atemporal**. Mesmo nesse ocidente, está, **às vezes, muito fragilizada**[...] direi que existe uma **dupla natureza da individualidade** de base que, segundo as circunstâncias, pode ou exprimir-se **pela forma do indivíduo** que tem uma **identidade forte e particularizada, ou** perder-se num processo de pertencer a **um conjunto mais vasto**. Esta segunda **modulação**, produzindo, então, **a persona**, procedendo por identificações sucessivas. Ao **indivíduo, oposto à pessoa**, corresponderia **a identidade, oposta à identificação**[...] deve-se reconhecer que ela **delimita bem a dupla relação que constitui toda vida social**. De um lado o fato de ser **autônoma, relacionar-se a si**, e, de outro lado, o fato de **relacionar-se ao outro**, o que determina o **modo de ser heterônomo**". (grifos nossos). In: SIMMEL, G. Apud MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 309. [2] Em 1926, o economista russo Nikolai Kondratiev apresentou a ideia de *ondas longas da conjuntura*, a hipótese da existência de ciclos longos na dinâmica do capitalismo mundial, com base na análise de séries cronológicas de preços no atacado, de 1790 a 1920, nos Estados Unidos e no Reino Unido. Um "ciclo de Kondratiev" tem um período de duração determinada (de 40 a 60 anos), que corresponde aproximadamente ao retorno de um mesmo fenômeno. Apresenta duas fases distintas: uma fase ascendente (fase A) e uma fase descendente (fase B). Essas flutuações de longo prazo seriam características essenciais da economia capitalista. (

Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo\\_econômico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_econômico)>.

Acesso em: 28.mar.2011)

(\*) ARAGÃO, Francisco José Alves de. Mestre em Educação, Especialista em Direito Público e Graduado em História pela UFC- Universidade Federal do Ceará; [http://](http://lattes.cnpq.br/7507129434693361)

[lattes.cnpq.br](http://lattes.cnpq.br/7507129434693361)

[/7507129434693361](http://lattes.cnpq.br/7507129434693361); e-mail: [zezearagao@gmail.com](mailto:zezearagao@gmail.com)

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: